

TURISMO COMUNITÁRIO EM TERRAS INDÍGENAS NO ESTADO DO ACRE: A EXPERIÊNCIA DO FESTIVAL DE CULTURA INDÍGENA YAWANAWÁ

Dermeson de Sousa Lima¹

Luzia Neide Coriolano²

Resumo:

No Estado do Acre, as políticas públicas voltadas ao turismo foram implantadas em processo contínuo, sempre alavancadas pelo poder público, o que fez surgir efeitos de longo prazo, entrelaçados em parcerias privadas, e, em alguns casos, contemplando comunidades tradicionais que passaram a explorar a atividade, resgate cultural e consolidação de produtos turísticos. O texto foca o debate em torno do turismo em territórios indígenas como alternativas de geração de renda, inclusão social e resgate etnocultural de populações tradicionais. O objetivo é relatar experiências do turismo comunitário na Terra Indígena do entorno do Rio Gregório no município de Tarauacá-AC, com a realização anual do Festival de Cultura Indígena Yawanawá. Adota-se metodologia etnográfica na busca da vivência com as comunidades para troca de saberes e fazeres. O referencial teórico foi determinado por meio da revisão da literatura pertinente e de estudos sobre índios. Realizou-se entrevistas com lideranças indígenas e acesso a relatórios técnicos sobre o festival de cultura, somadas a vivências de campo embasaram a metodologia do trabalho, que é dialética no sentido de encontrar as determinações e os conflitos. As comunidades indígenas buscam o etnoturismo associado ao meio ambiente e a valorização histórica e cultural possibilitando a vivência dos visitantes com seus modos de vida e espaços vividos na realização do Festival Cultural Yawanawá.

Palavras-chave: Territórios Indígenas. Turismo Étnico. Turismo comunitário. Festival de Cultura Yawanawá. Tarauacá - AC.

COMMUNITY TOURISM IN INDIGENOUS LAND IN ACRE STATE: THE EXPERIENCE OF INDIAN CULTURE FESTIVAL YAWANAWÁ

Abstract:

In the state of Acre, public policies for tourism were implemented as a continuous process, always by the government, which has raised long-term effects, non governmental partnerships, and in some cases, considered traditional communities, which began to explore the field, the cultural invigoration and consolidation of tourism products. This article focuses on the debate about tourism in indigenous territories as an alternative to increase income growth, social inclusion and ethnic cultural rescue in traditional communities. Our aim is to report experiences of community tourism in the Indigenous Land surrounding the Gregório river in the municipality of Tarauacá - AC, in the annual Yawanawá Indigenous Culture Festival. It was adopted ethnographic methodology in the pursuit of experiences with communities to exchange knowledge and practices. The theoretical framework was determined through a review of relevant literature and studies on Indians. Interviews with indigenous leaders, access to technical reports on the festival of culture and our field experiences provided the basis for the dialectical methodology of work seeking to find requirements and conflicts. Indigenous communities seek ethnic tourism with the environment, historical and cultural awareness, enabling visitors to experience their way of life and their spaces experienced in the Yawanawá Cultural Festival.

Keywords: Indigenous territories. Ethnic tourism. Traditional communities. Yawanawá of Cultura Festival. Tarauacá - AC.

TURISMO COMUNITARIO EN TIERRAS INDÍGENAS EN ESTADO ACRE: LA EXPERIENCIA DEL FESTIVAL DE LA CULTURA INDIA YAWANAWÁ

Resumen:

En el Estado de Acre, las políticas públicas orientadas al turismo se han desplegado en un proceso continuo, siempre aprovechado por el Gobierno, que ha dado lugar a efectos a largo plazo, entrelazados en las asociaciones privadas, y en algunos casos, teniendo en cuenta las comunidades tradicionales que comenzaron a explorar la actividad, renacimiento cultural y consolidación de productos turísticos. El texto se centra en el debate en torno al turismo en los territorios indígenas como la generación de ingresos alternativos, la inclusión social y las poblaciones tradicionales de rescate etnoculturales. El objetivo es dar a conocer las experiencias de turismo comunitario en la Tierra Indígena que rodea el río Gregory en el municipio de Tarauacá-AC, con el anual Cultura indígena Festival Yawanawá. Se adopta la metodología etnográfica en la búsqueda de experiencias con las comunidades para intercambiar conocimientos

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade de Brasília-UNB, Geógrafo, economista, Membro do Grupo de Pesquisa do CNPQ Turismo, Território e Cultura da UECE. E-mail: dermeson@zipmail.com.br

² Doutora em Geografia. Professora da Universidade Estadual do Ceara-UECE. Docente do PROPGEIO. Pesquisadora do CNPq. E-mail: luzianeidecoriolano@gmail.com

y prácticas. El marco teórico se determinó mediante la revisión de la literatura y los estudios pertinentes sobre los indios. Hemos llevado a cabo entrevistas con líderes indígenas y el acceso a los informes técnicos sobre el festival de la cultura, junto con experiencias de campo sirvieron de base para la metodología de trabajo, que es dialéctica con el fin de encontrar los requisitos y los conflictos. Las comunidades indígenas buscan etnoturismo asociados con el medio ambiente y el valor histórico y cultural que permite la experiencia de los visitantes con su forma de vida y espacios vivían en la realización del Festival Cultural Yawanawá.

Palabras clave: Territorios Indígenas. Turismo étnico. Turismo Comunitario. Festival de Cultura Yawanawá. Tarauacá - AC.

1 INTRODUÇÃO

O turismo por ser uma atividade altamente consumidora de espaços, territórios e paisagens, é acompanhado de conflitos e contradições no seu desenvolvimento e execução. Neste contexto, novas tendências surgem buscando alternativas que insiram comunidades locais como atores desse processo, deixando o papel de coadjuvantes, como prestadores de serviços da atividade e consumidores de seus territórios. As comunidades tradicionais procuram escolhas e projetos que valorizem aspectos endógenos territoriais, por meio de nichos e práticas de turismo contra hegemônicos, num caminho inverso ao das tendências segregadoras e degradantes que marcam o turismo estandardizado.

Nesse interim, o presente debate aborda o turismo em comunidades tradicionais, dando ênfase em territórios indígenas no Estado do Acre, que veem a atividade como alternativas de geração de renda, inclusão social e resgate etnocultural de populações tradicionais. O recorte espacial e os objetivos relatam a experiência do turismo comunitário na Terra Indígena-TI do Rio Gregório no município de Tarauacá-AC, com a realização anual do Festival de Cultura Indígena Yawanawá, também chamado de Festival Yawá. Estas discussões têm como base, a elaboração do referencial teórico por meio da revisão da literatura, relatórios técnicos, entrevistas com lideranças indígenas e acesso a matérias sobre os festivais de cultura indígena. Adota-se metodologia etnográfica na busca da vivência com as comunidades para troca de saberes e fazeres. As categorias fundantes são: comunidades, territórios indígenas e turismo comunitário.

O trabalho está organizado em três partes, sendo primeiramente abordado o turismo em terras indígenas levantando o debate da diversidade de tipologias e segmentos que envolvem a atividade, dando uma ênfase ao turismo comunitário de base local em comunidades tradicionais, como em áreas indígenas. No segundo momento, aborda-se recorte espacial dos territórios indígenas no Estado do Acre e da TI do Rio Gregório em Tarauacá-AC, destacando o papel das organizações sociais

representativas no desenvolvimento da atividade turística. Para finalmente avaliar e debater a experiência bem-sucedida das comunidades indígenas na realização dos festivais de cultura, dando ênfase ao Festival de Cultura Indígena Yawanawá, para depois apresentar as considerações finais.

2 A CONFIGURAÇÃO DO TURISMO COMUNITÁRIO EM TERRAS INDÍGENAS

A diversidade de processos identitários da sociedade contemporânea faz da lógica global e local, associar-se à mobilidade, interação e integração em redes para atrair atividades econômicas que tem no turismo o aporte de sua forma e conteúdo. Destacam-se entre outras atividades o comércio, transportes e serviços, todos relacionados de alguma forma com o turismo, sendo este considerado uma das mais promissoras atividades socioeconômicas da contemporaneidade.

O turismo é atividade socioeconômica consumidora de espaços e territórios, se utiliza de paisagens como objeto de consumo, do meio ambiente como atrativo, das comunidades tradicionais e seus artefatos como produtos a serem negociados. Assim, territórios habitados por populações tradicionais, com valores etnoculturais únicos e preservados nas especificidades entram no frenesi do turismo como forma de sobrevivência em busca da venda dos produtos locais.

No contexto endógeno, a atividade turística passa a atrair empreendimentos solidários e inovadores, mas na contramão de empreendimentos convencionais acumuladores de capital, as comunidades buscam melhorias de vida e de valoração dos produtos artesanais. Ações públicas, privadas e comunitárias em parcerias efetivam infraestruturas, projetos e programas em terras indígenas e extrativistas, para efetivar e inserir comunidades tradicionais em atividades de desenvolvimento alternativos, mas com atenção à sustentabilidade. Emerge, nesse vértice, a valoração das potencialidades e especificidades locais, na busca do desenvolvimento endógeno e da valoração dos elementos tradicionais abrindo possibilidades empreendedoras na geração de alternativas de emprego e renda via turismo comunitário. No turismo comunitário os residentes:

Possuem o controle produtivo da atividade desde o planejamento até o desenvolvimento e gestão dos arranjos produtivos. Assim, conseguem melhorar suas economias, as oportunidades para o lugar, e se preocupam com o envolvimento participativo, não de forma individualista; daí o avanço para as gestões integradas dos arranjos produtivos que passam a ser comunitários, e facilitam os enfrentamentos. Realizam, assim, projetos que garantem a melhoria das condições de vida local, além de prepararem condições para receber visitantes e turistas de uma forma mais digna. [...]. (CORIOLANO, 2009, p. 283).

Esta forma peculiar de turismo é ligada à forma de gerir patrimônios culturais voltados a endogenia regional, defende a participação da comunidade no gerenciamento da atividade, e à busca da melhoria da qualidade de vida da população local. Por ser de base local, deve ser gerido pelas comunidades.

O turismo comunitário busca de forma associativa a valorização e a consolidação de arranjos locais, nos quais, comunidades tradicionais que habitam terras indígenas, reservas extrativistas e quilombos, entre outras, devem possuir o controle efetivo e de uso de suas terras. População tradicional, neste contexto, pode ser definida como grupos étnicos, com culturas diferenciadas, que utilizam os territórios que habitam e os recursos naturais como condição de reprodução socioeconômica e organização social. Comunidades indígenas têm se inserido progressivamente na lógica turística contemporânea, por meio de práticas solidárias e comunitárias, contudo voltadas à economia de mercado. Elas têm, nesses princípios, oportunidade de resgate, valorização, preservação e divulgação de suas culturas, além de oportunidades também de ganhos financeiros e sociais (CORIOLANO; LIMA, 2012).

A atividade turística em territórios indígenas é peculiar, de acordo com o costume dos índios. Os visitantes são levados a conviver com a realidade local, com a cultura e aos elementos do lugar e interagir com residentes adaptando-se aos seus modos de vida. O modo de vida e a cultura das populações tradicionais passam a ser também atrativos e a fomentar o turismo nos lugares indígenas, ou territórios etnográficos valorando a etnicidade, vivências peculiares únicas, que são retratadas na diversidade cultural e no espaço vivido dessas comunidades indígenas.

Faz-se necessário considerar as diversas nomenclaturas que envolvem o turismo em terras indígenas com variedade de terminologias e concepções que, às vezes dificultam o seu entendimento, como por exemplo: turismo étnico, etnoturismo e turismo indígena, mas em geral estão relacionados entre si. Todos eles significam o mesmo turismo, com diversos segmentos, como por exemplo: o turismo comunitário, o turismo cultural e o ecoturismo, entre outros.

O turismo étnico é alimentado pelo interesse dos visitantes em ter acesso à cultura e ao povo indígena, buscando conhecer os costumes e crenças no próprio ambiente de vivência das comunidades. Para isso, muitas populações selecionam símbolos que conferem ao grupo distinção, tradição e prestígio diante dos fluxos turísticos, utilizando-se de sinais diacríticos que são fundamentais na arena turística (LEAL, 2009, p. 246).

O turismo comunitário é sempre étnico está associado à realização de atividades turísticas em áreas de grande valor étnico cultural, como aldeias indígenas, colônia de pescadores, comunidades quilombolas, e extrativistas. O marketing dessa modalidade de turismo está associado

ao modo de vida dos residentes com singularidades e identidades culturais preservadas e autênticas, repleta de saberes tradicionais, comum em territórios indígenas.

A literatura específica reconhece em Pierre L. Van der Berghe um dos pioneiros a estudar e definir o turismo étnico, em cujo contexto se situa o turismo indígena. Hoje vem sendo denominando turismo étnico aquele exercido em meio a identidades exóticas – indígenas – aborígene ou o que possa existir. Mas, tem se diferenciado turismo indígena, exercido entre indígenas, de ecoturismo indígena – quando há presença de comunidade indígena (YAZIGI, 2007, 142).

Este tipo de turismo se aproxima ao etnoturismo, que está ligado aos aspectos culturais de um determinado grupo étnico, estando o turismo étnico e o indígena, associados a esses fundamentos. “Etnoturismo é um tipo de turismo cultural que utiliza como atrativo a identidade, a cultura de determinado grupo étnico (japoneses, alemães, ciganos, indígenas)” (FARIA, 2007, p. 292).

Nesses casos, o resgate dos conhecimentos locais possibilita oportunidade de preservação e respeito pelas culturas, repletas de ritos, danças, cantos, línguas, peculiaridades gastronômicas, mitos e lendas regionais. Quando residentes têm oportunidade de divulgar a cultura, e prestar serviços aos visitantes, ofertando alimentação, hospedagens, transportes, artesanatos, entre outras atividades ligadas ao lazer e ao turismo, abrem oportunidades de desenvolvimento local também.

A respeito ao debate do tema Faria (2007, p. 293), define o “turismo indígena, como o nome sugere, é o turismo desenvolvido em terras indígenas ou fora delas com base na identidade cultural e no controle da gestão pelo grupo/comunidade indígena envolvida”. Contemporaneamente, é comum presenciar grupos indígenas fora de suas aldeias divulgando culturas, artesanatos, culinária, danças e rituais, obtendo ganhos financeiros e socioeconômicos. Neste contexto, o turismo pode ser uma alternativa para preservação da cultura e dos territórios étnicos, pois os valores identitários ficam preservados na sua origem e ocorre menor pressão nas comunidades indígenas.

Yazigi (2007) argumenta que a atividade turística em territórios indígenas representa uma atividade econômica a mais, apenas para diversificação das atividades produtivas já existentes. As relações das populações indígenas com as populações “brancas” ou não indígenas é realidade desde tempos remotos, voltadas a interesses econômicos tanto em atividades tradicionais, como agricultura familiar e extrativismo, como nas turísticas. Assim atividades ilegais realizadas por brancos envolvem indígenas na exploração madeireira, agropecuária e na extração mineral, o que retrata a exploração da terra e do povo indígena.

Na contramão desse processo de exploração da floresta, organizações comunitárias indígenas buscam

alternativas de desenvolvimento econômico e inclusão social, como o turismo comunitário de forma sustentável. A Figura 1 demonstra manifestações etnoculturais valorizadas pelo turismo comunitário indígena, no Estado do Acre.

Figura 1: Manifestação Etnocultural na TI DO Rio Gregório-AC.



Fonte: Cooperativa Agroextrativista Yawanawá - COOPYAWA, 2013.

Nos últimos anos, no Acre, no município de Tarauacá os indígenas passam também a utilizar a paisagem cênica, histórica e cultural de forma inovadora nos negócios turísticos. Buscam efetivar empreendimentos comunitários, de base local realizado de forma solidária aos residentes locais. Todavia, a atividade passa a ser realizada como opção socioeconômica e ambiental pelos e para os habitantes, promovendo benefícios diretos aos envolvidos nas atividades de alimentação, hospedagem, venda de artesanatos e de entretenimentos.

A organização da população local por meio de cooperativas e associações passa a serem meio facilitador dos residentes se tornarem sujeitos de suas histórias, empreendedores solidários de seus territórios fazendo diminuir a pressão sobre os mesmos em atividades menos impactantes. O planejamento participativo é uma das ferramentas eficazes para consolidar esse processo, envolvendo a comunidade e parcerias pros residentes, além de consolidar a atividade turística nas diversas nuances em territórios indígenas.

Portanto, a ameaça do processo de aculturação pelo turismo tende a diminuir, passando a fortalecer e reforçar a etnicidade e consciência dos residentes, pois, o visitante busca a vivência em territórios étnicos como valores preservados. Um dos caminhos do turismo étnico, em comunidades tradicionais, perpassa a valorizar experiências em territórios com peculiaridades regionais preservadas, arraigados de diversidades culturais, com fortes apelos históricos e ambientais.

Enfim, as populações tradicionais na Amazônia defendem valores locais quando comunidades indígenas, extrativistas, ribeirinhos e quilombolas se inserem no mercado do turismo solidário apoiados no patrimônio histórico, cultural e ambiental da região. O modo de vida indígena amazônico apresenta comportamentos peculiares

e fomentam o turismo étnico cultural, em ascensão em comunidades tradicionais, como nas TI do Acre.

3 OS TERRITÓRIOS INDÍGENAS NO ESTADO DO ACRE

Na Amazônia desde o período da colonização os territórios indígenas são formados por fases, marcados inicialmente pelas correrias, ciclo das drogas dos sertões, e o ciclo da borracha, da mineração e da agropecuária. Em todas essas fases a população e os territórios sofrem fortes pressões pela abundância de recursos naturais nas terras que habitam ancestralmente. Estes aspectos fazem a cultura indígena passar por influências nos âmbitos: histórico, econômico, cultural, social e ambiental, passando por processos de aculturação, desterritorialização e segregação social desintegrando etnias, hábitos e costumes.

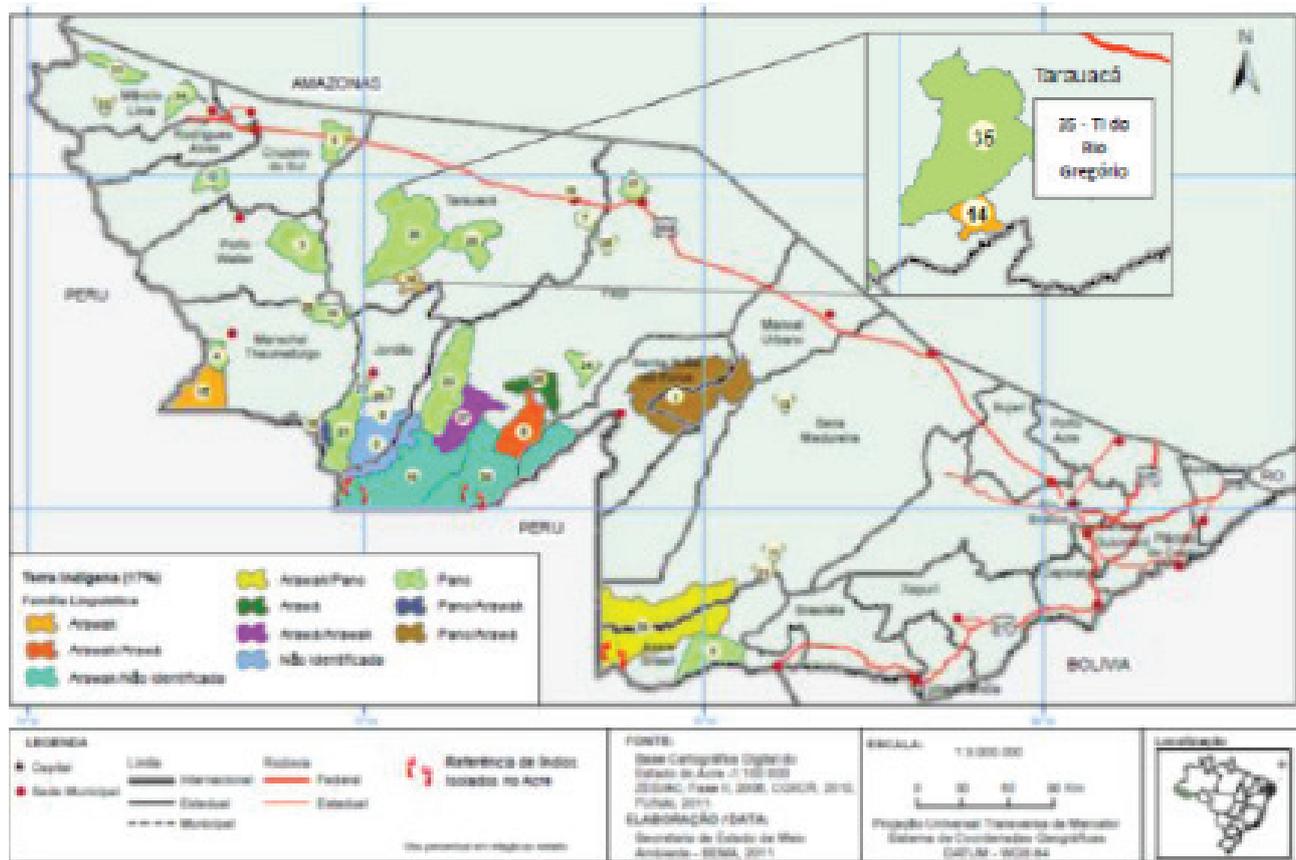
No Estado do Acre, estes aspectos fazem parte da historicidade indígena, com maior ênfase na implantação do período denominado Ciclo da Borracha, no qual, os índios habitantes nativos da região, sofreram retaliações e processos violentos de domesticação para servir como mão-de-obra na economia da borracha. Processos de desterritorialização foram ocasionados por invasões aos territórios indígenas, por exploradores e seringalistas na busca de riquezas naturais, principalmente a árvore da seringueira que fornecia o látex para a produção da borracha. Muitas tribos e etnias foram extintas e isoladas após esse período de colonização na Amazônia Sul-ocidental, reduzindo progressivamente a população indígena.

Contemporaneamente a história indígena é marcada pelo reconhecimento dos direitos dos índios e demarcação das terras. O direito coletivo territorial dos indígenas e o uso de terras ocupadas tradicionalmente ocupadas foram reconhecidos pela Constituição Federal brasileira, e entidades governamentais. A organização social indígena acompanha essa tendência, quando os índios passam a reivindicar direitos a serviços de saúde, educação, produção e divulgação de suas culturas, e principalmente regularização fundiária de suas terras.

O Estado do Acre é dividido territorialmente em duas mesorregiões, o Vale do Acre e o Vale do Juruá que apresentam realidades distintas principalmente pela variedade de ecossistemas e a processos de desenvolvimento, que ocasionaram grandes desmatamentos principalmente pela agropecuária, que ocorre com maior ênfase na região do Vale do Acre. A mesorregião do Vale do Juruá possui a maior parte do território preservado, concentrando a maior parte das Unidades de Conservação-UC's e Terras Indígenas-TI's. Destaca-se no Vale do Juruá a maior concentração da população indígena, possuindo 29 TI, do total de 34 terras reconhecidas pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI no Estado. (ACRE, 2010).

A Figura 2 mostra a localização de terras indígenas no Acre, com destaque da TI do Rio Gregório onde é desenvolvido o turismo comunitário indígena.

Figura 2: Localização das Terras Indígenas - Acre/ Território Indígena de Rio Gregório.



Fonte: Zoneamento Ecológico Econômico do Estado do Acre - ZEE/AC (Fase II), 2010.

No Estado do Acre, o território indígena ocupa extensão territorial equivalente a 2.390.112,26 ha, o equivale aproximadamente a 14,6 % da extensão territorial do Estado, presente na metade dos 22 municípios acreanos. Os indígenas do Acre possuem população em torno de 13 mil habitantes, composto por 14 povos ou etnias indígenas, distribuídos em 34 territórios indígenas com situação fundiária regularizada. Os territórios indígenas têm relevante papel socioambiental por estarem nas regiões de fronteiras, de formação de bacias hidrográficas nas cabeceiras de rios, próximos a corredores de grande interesse ecológicos e Unidades de Conservação-UC's, formando um importante mosaico de contínuo de áreas conservadas na Amazônia Sul-Occidental (ACRE, 2010).

Na região que concentra a maior parte das terras indígenas no Acre, o Vale Juruá, é valorizada pelo patrimônio ambiental e cultural, ricos em ecossistemas e valores etnoculturais, que despontam para atividades ligadas ao turismo comunitário e ecoturismo. Nos últimos anos, a organização comunitária possibilitou a formação de cooperativas e associação de moradores representando a população indígena e busca de projetos alternativos incentivem o desenvolvimento local.

Há hoje no Acre 21 associações indígenas de base local, algumas criadas a mais de 15 anos, outras recentemente. Com recursos de 'projetos' financiados por agências humanitárias

e embaixadas, programas governamentais e da cooperação internacional, e/ou trabalhos desenvolvidos por ONGs, quase todas vem desenvolvendo atividades econômicas e de gestão territorial, capacitação de recursos humanos locais, educação bilíngue e de fortalecimento cultural (ACRE, 2010, p. 218).

As organizações sociais indígenas encontram-se em diferentes estágios de desenvolvimento, atrelados principalmente a gestão e articulações político-institucionais. Sendo as mesmas, resultados de formas específicas de organização social, territorial e política, no qual, estas entidades indígenas buscam parcerias empreendedoras para consolidarem no mercado de forma competitiva.

As comunidades indígenas valorizam o patrimônio ambiental, histórico e cultural, tanto no âmbito material como imaterial e buscam atenuar pressões em nível local por meio de práticas sustentáveis e ações inovadoras de desenvolvimento. As ações centradas na gestão participativa comunitária, na valorização da identidade cultural e territorial dos habitantes, nesse caso, os indígenas, torna-os os principais sujeitos sociais do processo, e principais conhecedores da realidade local e beneficiárias das conquistas almejadas (FARIA, 2007).

Todavia, algumas atividades socioeconômicas surgem e são adotadas na busca de valorizar hábitos e

costumes da cultura indígena, direcionando-as para o turismo comunitário. Assim, as ações na alocação de infraestrutura e parcerias entre poder público e comunidades foram determinantes para a atividade tornar-se realidade em territórios indígenas e extrativistas, configurando-se como uma alternativa de desenvolvimento regional e local. Estes aspectos possibilitaram territórios povoados por populações tradicionais indígenas realizarem festividades que resgatam valores étnicos culturais, como os festivais de cultura indígena, como o Festival Yawá/Yawanawá e Festival Mariri Yawanawá na TI do Rio Gregório.

4 O TURISMO E O FESTIVAL DE CULTURA INDÍGENA YAWANAWÁ

No Estado do Acre, a política estadual de turismo busca a regionalização da atividade, ressaltando o potencial regional centradas no patrimônio histórico, cultural e ambiental, dando atenção especial às comunidades tradicionais. Nesse sentido, o planejamento estatal dividiu territorialmente o Estado em dois polos turísticos, o Polo do Vale do Acre e o Polo do Vale do Juruá.

As iniciativas planejamento turístico acompanharam as diretrizes do Governo Federal para este setor, possibilitando a elaboração e implantação de rotas turísticas regionais por meio do Programa Regionalização do Turismo do Ministério do Turismo-MTUR. Realizados em parceria do MTUR com a Secretaria Estadual de Turismo-SETUL, os roteiros turísticos regionais confirmam a potencialização da oferta de serviços, delimitação de produtos e a melhoria de infraestrutura de acesso (LIMA, 2011).

No Vale do Acre e do Juruá foram delimitadas algumas rotas turísticas regionais. No primeiro polo sobressaem pelo apelo histórico, cultural e ambiental as Rotas Caminhos da Revolução, Caminhos de Chico Mendes e Caminhos do Pacífico. No polo do Juruá foi delimitada a rota regional Caminhos das Aldeias e da Biodiversidade, associados às UC's e TI's no seu patrimônio socioambiental. Roteiros retratados nas áreas extrativistas e indígenas configuradas em PAE's, RESEX's e TI's, possuem ricos ecossistemas amazônicos e diversidades culturais com forte apelo ao turismo comunitário, ligados à cultura das populações tradicionais (LIMA, 2011).

As potencialidades regionais passam a ser associadas ao patrimônio histórico, etnocultural e ambiental, de significante valor para o turismo, passando a fazer parte das políticas estaduais e federais do setor almejando o desenvolvimento. Nessa perspectiva, comunidades indígenas e extrativistas passam a se organizar para o turismo comunitário em seus territórios. De modo geral, as populações indígenas também se inserem nessa política através de cooperativas e associações, no qual, lideranças indígenas buscam apoio e parcerias com órgãos públicos, privados e do terceiro setor, ligados ao turismo, produção e a questão indígena.

Na cadeia produtiva do turismo as parcerias são de fundamental importância, para consolidação da atividade e divulgação da cultura indígena, além da capacitação profissional e na implementação de infraestrutura e serviços turísticos.

No Vale do Juruá, concentra a maioria das organizações indígenas comunitárias também estão presentes e algumas comunidades próximas à cidade de Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima, Jordão e Porto Walter que realizam atividades etnoculturais aproveitadas pelo turismo de base local. As comunidades indígenas que desenvolvem turismo comunitário, nesse caso o etnoturismo, têm apoio e fazem parcerias com órgãos públicos ligados à área e ao turismo, além de contarem com o apoio de Ong's e instituições internacionais.

Em relação ao turismo etnocultural, ligado a eventos e a questão indígena de forma organizada e consolidada, destacam-se o Festival Indígena Yawá e o Mariri Yawanawá, Matxu (Festival da Caiçuma), Festival de Cultura Xinã Benã, Encontro Cultural Nukini-Nawá, os dois primeiros realizados no município acriano de Tarauacá, e os demais em Feijó, Jordão, Mâncio Lima, respectivamente, estando todos localizados na mesorregião do Vale do Juruá.

Entre estas manifestações culturais se destaca o Festival Yawá, que em 2013 realizou a décima segunda edição, com povos indígenas da etnia Yawanawá (yawá-queixada e nawá-povo), que significa "Povo da Queixada", ou "porco do mato" da região amazônica, que anda em bandos, de forma organizada e são aguerridos. O Festival de Cultura Indígena Yawá é realizado anualmente na TI do Rio Gregório, na Aldeia Nova Esperança no município de Tarauacá no Acre. Sabe-se que desde os tempos imemoriais que os índios Yawanawá ou povo da queixada ocupam as cabeceiras do rio Gregório, afluente do rio Juruá, geograficamente pertencente ao município de Tarauacá, Acre. Sua população atual é de 636 pessoas e pertence ao tronco linguístico Pano. As famílias estão distribuídas na comunidade Nova Esperança, Mutum, Escondido, Tibúrcio e Matrinxã. As comunidades são formadas pelas famílias Yawanawá, Arara, Kãmãnawa (povo da onça), Iskunawa (povo do japó), Ushunawa (povo da cor branca), Shanenawa (povo do pássaro azul), Rununawa (povo da cobra) e Kaxinawá (povo do morcego) (VINNYA; 2006).

O Festival da Cultura Indígena Yawanawá tem recebido turistas de várias partes do mundo, e grupos étnicos da Amazônia e da América Latina, promovendo o intercâmbio étnico cultural entre indígenas e não indígenas. A comunidade domina toda a organização durante a realização do festival, mantendo parcerias com agências de turismo para o traslado de visitantes até o Estado, concentrando nas cidades de Cruzeiro do Sul-AC, Rio Branco-AC e São Paulo-SP.

Festival Yawá, criado em junho de 2002 com intuito de promover e disseminar as práticas culturais Yawanawá, especificamente as brincadeiras e cantos Yawanawá, que na época

estava praticamente esquecida. [...]. 'O YAWA foi o renascimento e o redescobrimto da identidade dos Yawanawá com sua cultura e espiritualidade vivas em pleno século XXI'. Os Yawanawás praticam seus rituais de cantos, danças do mariri, pinturas corporais e uso das medicinas sagradas desde tempos imemoriais, porém, durante o período das missões religiosas, qualquer manifestação da cultura tradicional era proibida. Mas ainda assim, mesmo camuflada acontecia entre os mais velhos. O Festival Yawá é, portanto, a celebração da dança, expressão artística, cultural e espiritual do povo Yawanawá; é a ligação do povo Yawanawá com o criador e seus antepassados. Que traz para o mundo contemporâneo uma demonstração da cultura tradicional indígena sem perder sua identidade cultural e sua essência tradicional [...]. (YAWANAWÁ JR, 2013, p. 02).

O Festival de Cultura Yawanawá é realizado há mais dez anos e reúne várias aldeias da região, da Amazônia e da América Latina. Juntam-se a estes visitantes de diversas partes, entre indígenas e não indígenas, autoridades e turistas. Uns pontos fortes dessas atividades são a interação entre os habitantes mais antigos, os pajés, com as novas lideranças e a população jovem e feminina que são encarregados de atividades específicas. Abrindo possibilidades para que os indígenas de diversas gerações se sintem valorizados e como atores locais, preservando suas tradições.

As festividades são repletas de rituais sagrados e danças típicas, fazem também uso tradicional do chá da Ayahuasca (Huni entre os índios) e da caiçuma (bebida tradicional fermentada da mandioca), kampô (vacina do veneno de anfíbios), o rapé (inalador de casca de árvores, ervas e tabaco), sendo o uso destes opcionais aos visitantes. Entre as inúmeras atividades durante o festival, destacam-se as danças e cânticos tradicionais (conhecidas como mariri), rituais espirituais, confecção de artesanatos e adornos (colares, cocares, pulseiras e brincos) e cerâmicas e trajes típicos. Além da contação de histórias pelas lideranças indígenas, pinturas corporais e rituais que fortalecem identidade local, despertam curiosidade dos visitantes em interagir com a comunidade nessas atividades (VINNYA; 2006).

Para os Yawanawá não existem datas e nem dias específicos para se fazer uma festa. Quando todos da comunidade estão em harmonia, como de costume, as festas começam à noite e vão até a manhã do outro dia. Um dia antes de acontecer à festa conhecida como *sayti*, o cacique da comunidade convida os chefes de famílias para comparecerem para a preparação da festa. Os homens e rapazes trabalham na fabricação dos cocares de penas, saias de

envira de *vixu*, os bastões de *mushu* e nos ensaios das músicas tradicionais. Por sua vez, as mulheres são responsáveis por preparar as tinturas corporais. [...]. O cipó, conhecido como *huni* faz parte da cerimônia da festa durante toda a noite. Quem costuma beber o *huni* são os velhos cantores, rapazes, mulheres que estão de bem com o espírito. As danças e os balançados dependem de cada música que se canta. [...]. Os belos cocares de diferentes aves da região dão orgulho a cada adolescente que usa em sua cabeça. Na festa tradicional Yawanawá, as mulheres não devem dançar na roda com roupa dos brancos da cintura para cima. Elas usam saias de envira (casca de árvore chamada de *vixu*). Para diferenciar da saia usada pelos homens, as saias delas são mais curtas (VINNYA, 2006, p. 143-144).

Segundo Leal (2009), o valor étnico do turismo em territórios indígenas é retratado pela vivência e acesso à cultura indígena pelos visitantes, presenciando os costumes e crenças no próprio ambiente de origem. Como estratégia de marketing e valorização cultural os indígenas selecionam símbolos e rituais que lhe conferem esta autenticidade na cenarização turística, buscando uma interação entre participantes.

Nas aldeias indígenas, como na TI do Rio Gregório, a atividade turística de forma organizada, tem se consolidado nos últimos anos, onde a comunidade planeja e executa a atividade turística. A logística na organização de transporte é adaptada à realidade regional, o que envolve meios de transporte aéreo, fluvial e terrestre, pois para se chegar à aldeia é necessário percorrer longas distâncias, principalmente por rios.

Já a hospedagem é disponibilizada acomodações coletivas, hospedagem familiar/solidária nas residências dos índios. Além da organização e venda de pacotes, as associações mantêm parcerias com agências de viagens regionais e de outros Estados, que são especialistas em turismo alternativo com atividades personalizadas, atendendo uma demanda peculiar, disposta a ter gastos maiores com lazer e atividades alternativas. Isto é, os visitantes e turistas fazem parte de um nicho de turismo específico, de maior renda, nível cultural e buscam experiências originais, sem grandes confortos e comodidades da vida urbana.

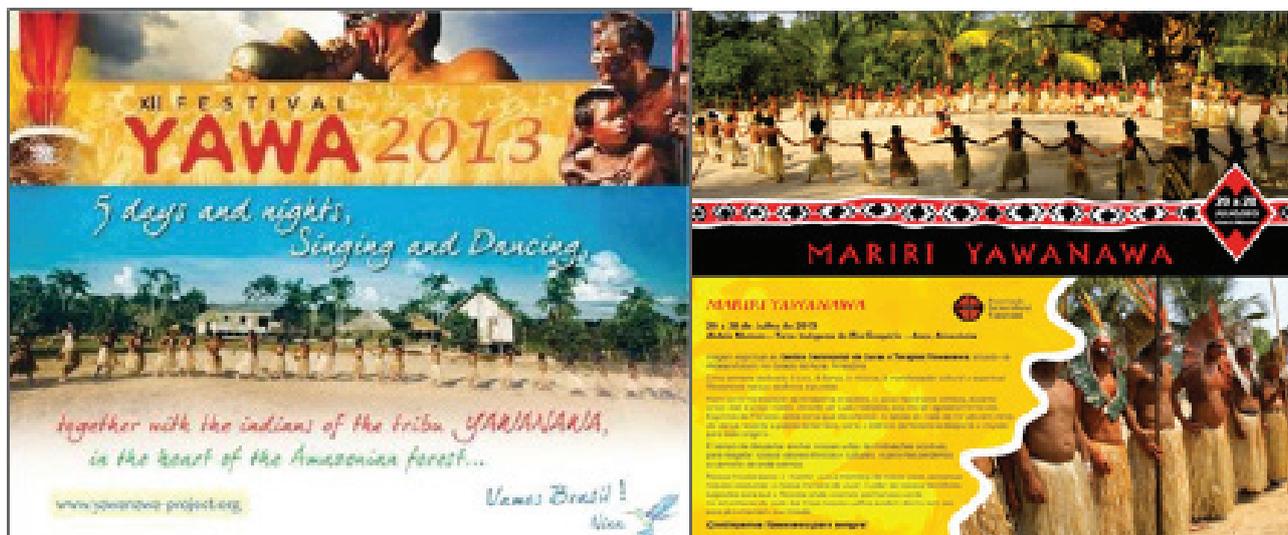
De forma geral, essa experiência é inusitada com vivências autênticas, como no modo de vida indígena em cenários peculiares como os ecossistemas amazônicos, como ocorre no Acre, na TI do Rio Gregório. As entidades representativas da etnia Yawanawá estão centradas na Organização de Agricultores Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório (OAEYRG)³ e pela Cooperativa Agroextrativista

³ Esta associação mantém uma parceria que perdura há mais de 20 anos, com a indústria de cosméticos norte-americana AVEDA Corporation,

Yawanawá (COOPYAWA) que são vinculadas e a Associação Sociocultural Yawanawá (ASCY). Estas entidades representam comunidades diferentes, mais ambas buscam a inserção do turismo comunitário indígena nas suas atividades produtivas e a valorização e o resgate da cultura indígena. Uma das estratégias para inserir-se nesse mercado e a divulgação festivais, ver Figura 3.

fortalecendo a piscicultura e a criação de quelônios, apicultura/meliponicultura (criação de abelhas sem ferrão) e implantação de marcenaria comunitária e apoio a agricultura familiar com insumos para produção. Acrescenta-se na área social a capacitação e contratação de agentes comunitários de saúde indígena, as visitas do Programa Saúde Itinerante e a implantação das escolas indígenas bilingües.

Figura 3: Folder dos Festivais Indígenas na TI Rio Gregório - 2013.



Destaca-se entre as articulações das organizações indígenas para a divulgação e publicidade do Festival Yawá e o Festival Mariri, que são propagadas por várias revistas de publicidade do setor, sites, blogs e agências turísticas no âmbito regional, nacional e internacional. Sobressaem-se as parcerias com Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa do Acre - SEBRAE/AC, Secretaria de Turismo do Estado do Acre – SETUL, com capacitação, ações de empreendedorismo comunitário, além de apoio na participação dos artesãos indígenas em feiras nacionais e internacionais.

As parcerias estatais também possibilitaram a implantação da Casa de Produção e Cultura da Mulher Yawanawá, com Secretaria Estadual de Políticas para a Mulher com financiamento do BNDES, que é destinada a capacitação, produção e comercialização do artesanato indígena de salutar importância para valorização e resgate da cultura, além de alternativa de renda. Ainda no apoio ao setor turístico, foram construídas pousadas, refeitórios comunitários, banheiros e uma arena de festa para realizações das festividades, representada por grande maloca indígena.

Na área da produção destaca-se a capacitação de agentes florestais indígenas, construção de açudes

Ressalta-se a importância que a Assessoria Especial para Assuntos Indígenas⁴, do governo estadual e a FUNAI, que atua articulando parcerias com as demais secretarias estaduais e outros órgãos públicos na questão indigenista, socioeconômica e ambiental em TI do Acre. Estes aspectos retratam a adequação das comunidades tradicionais na busca de alternativas de renda tradicionais com pluriatividades, destacando-se as ligadas ao turismo de base comunitária em terras indígenas como alternativa de geração de renda, resgate das tradições culturais e a possibilidades de intercâmbio étnico e cultural. Igualmente, como exemplificado nas experiências exitosas na TI Rio Gregório no município de Tarauacá. Ressalta-se a importância desta comunidade desenvolver outras atividades produtivas, principalmente a agricultura familiar, não criando uma dependência exclusiva do turismo.

A atividade turística na TI Rio Gregório gira em torno dos festivais de cultura que são realizados anualmente, tendo seu fluxo maior nesse período, que tem uma demanda de visitante controlada pelos anfitriões indígenas. Enquanto, no restante do ano os indígenas dedicam-se as demais atividades socioeconômicas como agricultura familiar, caça e pesca. Outro aspecto importante e o estágio de preservação ambiental de seus territórios que disponibiliza uma abundância de recursos naturais, para alimentação e produção, além de um chamariz para a atividade turística.

CONCLUSÃO

compra e incentiva a produção de urucum, uma semente que possui um corante natural utilizado para fabricação de produtos cosméticos, alimentícios e farmacêuticos. Os indígenas produzem também o cororal, um corante regional apreciado na culinária local comercializado nos municípios da região. A parceria da Empresa AVEDA e a TI Rio Gregório se efetiva também em projetos socioambientais e culturais como nos festivais de cultura indígenas.

⁴ Esta assessoria em gestões passadas chegou a ser uma pasta específica na gestão pública estadual, a Secretaria Especial dos Povos Indígenas – SEPI, gerida na época por representante indígena.

As experiências de turismo de base comunitária no Estado do Acre são realidades recentes, sendo desenvolvido por comunidades tradicionais, como extrativistas e indígenas por meio de parcerias. As comunidades buscam se inserir no competitivo mercado turístico com ações inovadoras que aproveitam valores étnicos culturais, e o patrimônio ambiental de seus territórios.

No geral, as comunidades acreanas indígenas desenvolvem o turismo comunitário étnico, etnoturismo associado ao meio ambiente e a valorização histórica e cultural de seus territórios, possibilitando a vivência dos visitantes com modos de vida de seus espaços vividos. Estas experiências são retratadas no território do Rio Gregório, no qual, tem se concretizado de forma eficiente e solidária em parceria com o poder público e a comunidade por meio de planejamento participativo. Sendo estas relações primordiais para realização e efetivação da atividade, além de uma alternativa de renda e resgate cultural.

A implantação de infraestrutura de acesso, apoio na logística, em capacitações profissionais, e divulgação, planejamento e gestão da atividade contam ações estatais, com iniciativas que partem da população indígena que reivindicam alternativas de renda e melhor qualidade de vida nas aldeias. Assim, o envolvimento da comunidade em todas as fases, principalmente na organização política e comunitária são primordiais para o sucesso da atividade. Assim como, no planejamento e na prestação de serviços ao turista, possibilita a circulação de renda no espaço local caracterizando o turismo de base comunitária.

A importância da vontade política e a efetivação de parcerias e sinergias para concretização do turismo indígena viabiliza o turismo na TI do Rio Gregório. Os festivais de cultura indígena têm contribuído para valorização da comunidade, e divulgado a cultura, hábitos e costumes dos índios, atenuando o risco de turistificação do território por serem realizados anualmente. Somados a conscientização da conservação do meio ambiente pelos índios, e não índios, pois a natureza é a principal fonte de sobrevivência socioeconômica local, e os territórios dos mesmos, sendo atrativos fomentando demanda de turistas é propriedade indígena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACRE. Governo do Estado. Agência de Notícias do Acre. *XXII Festival Yawa, ano 2013*. Rio Branco-AC: [s.l.]. 2013. Disponível em: <<http://www.agencia.ac.gov.br/noticias/>> Acesso: 21 de abril de 2014.
- _____. Governo do Estado. *Zoneamento ecológico-econômico Fase II: documento síntese – Escala 1:250.000*. 2ª ed. Rio Branco-AC: SEMA, 2010.
- CORIOLOANO, L. N. M. T. Turismo comunitário no nordeste brasileiro. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan. (Org.). *Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro – RJ: Letra e Imagem, 2009. p. 277-282.
- COOPYAWA, Cooperativa Agroextrativista Yawanawá. *XII Festival YAWA*. Terra Indígena do Rio Gregório; Tarauacá - AC: COOPYAWA, 2013. Disponível em: <<http://xiifestivalyawa.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 março de 2014.
- FARIA, I. de. Ecoturismo indígena como princípio de autonomia e afirmação cultural. In: SEABRA, G. (Org.). *Turismo de Base Local: identidade cultural e desenvolvimento regional*. João Pessoa-PB: Ed. Universitária/UFPB, 2007. p. 289-310
- LEAL, R. E. da S. O turismo desenvolvido em territórios indígenas sob o ponto de vista antropológico. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan. (Org.). *Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro – RJ: Letra e Imagem, 2009. p. 240-248.
- LIMA, D. de S. *Uma viagem do desenvolvimento regional e local pelo turismo: o Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes e a Pousada Ecológica Cachoeira em Xapuri-AC*. Rio Branco-AC: UFAC/PPG-MDR, 2011. (Mestrado em Desenvolvimento Regional).
- LIMA, D. de S.; CORIOLOANO, L. N. de T. M. *Turismo comunitário no Assentamento Agroextrativista Chico Mendes: Aprendizagem e vivência na Pousada Ecológica Cachoeira em Xapuri-AC*. In: XVII Encontro Nacional de Geógrafos. 2012, Belo Horizonte - MG. Anais XXVII ENG. Belo Horizonte – MG: UFMG, 2012.
- VINNYA, A. L. Artes, conhecimentos e festas. In: VINNYA, A. L.; OCHOA, M. L. P.; TEIXEIRA, G. de A.; (Orgs.). *Costumes e Tradições do Povo Yawanawá*. Rio Branco - AC: CPI/Organização dos Professores Indígenas do Acre, 2006. p. 118-158.
- YAWANAWÁ JR, B. B. *XII Festival YAWA*. Tarauacá - AC: COOPYAWA, 2013.
- YAZIGI, E. Ensaio metodológico de manejo turístico em áreas indígenas. In: *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. v. 1, n. 2, p. 137-183, dez. 2007.

Recebido em 6 de julho de 2015

Aprovado, em sua versão final, em 13 de setembro de 2015

Artigo avaliado anonimamente por pares.